

Atena
Editora
Ano 2022



O ANJO DA MORTE

RAPHAEL COLVARA PINTO

Atena
Editora
Ano 2022



O ANJO DA MORTE

RAPHAEL COLVARA PINTO

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Ilustração e edição da capa

Allison Ortiz Affonso

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná



Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadirson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Raphael Colvara Pinto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P659 Pinto, Raphael Colvara
O Anjo da Morte / Raphael Colvara Pinto. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0106-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.063220605>

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Pinto, Raphael
Colvara. II. Título.

CDD 869.91

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



Vejo muitos morrerem porque julgam que a vida não vale a pena. Outros, paradoxalmente sendo mortos por causa das ideias ou ilusões que lhes dão razão de viver. O que se chama de razão de viver também é um excelente motivo para morrer.

Albert CAMUS

CONVITE AO LEITOR

Caro leitor, o título do presente livro, *O Anjo da Morte*, pode criar uma expectativa de tetricidade, morbidez ou, pelo menos, de pieguice. Acontece, no entanto, que o autor, o padre Raphael Colvara Pinto é um jovem sacerdote, com sólida formação na moderna filosofia. É também doutor em teologia, adepto de uma perspectiva teológica iluminada pelas tendências do pensamento contemporâneo. O fio condutor destas reflexões molda-se nas tendências da hermenêutica contemporânea. Enquanto no século XVIII, com o despontar do pensamento filosófico marcado pelo iluminismo científico, presunçosamente, acreditava-se na proximidade de tempos em que a lógica, a matemática e a comprovação experimental iluminariam todos os campos do saber; hoje, uma ciência e uma filosofia mais amadurecidas constataam que, em vez de verdades indiscutíveis, restam-nos apenas hipóteses, no mais das vezes, enredadas e embaraçadas em aporias praticamente insolúveis. Assim, o padre Raphael, na trilha dos pensadores que ultrapassam a senda do fracasso dos paradigmas da pós-modernidade, como Umberto Eco e Zygmunt Bauman, procura os rastros do cristianismo no seio da chamada modernidade líquida, em que há uma nova forma de se encarar as relações sociais e o próprio amor. Incluem-se aí também a educação, as relações de capital e trabalho, o próprio casamento e as novas fronteiras nas formas de relacionamento humano.

O Anjo da Morte, que Raphael apresenta aos cristãos deste período de incertezas em que tudo é transitório e solúvel, é outro. Sem rumo, o novo seguidor de Cristo, com os valores postos em dúvida ou até mesmo negados vive o cativo da incerteza. Apátrida, num exílio questionador, entre um sonho grandioso, atormentado pela circunstância da rotina que lhe provoca tristeza, diante de um grande medo e muita dor, atormenta-o a incerteza em que tudo parece ter, a cada instância, outro sentido diverso do que parecia ser. Sente-se estrangeiro, estranho, sem rumo. Vive um estado pesaroso entre a dor que lhe fustiga o corpo, a angústia que atormenta o espírito e a tênue luz que vislumbra no horizonte. Situação que lhe exige um constante estado de resiliência.

Sentindo-se o retrato dos desafetos, entre a voz de Eros que lhe abrasa o corpo e a ameaçadora foice de Thanatos, real e tétrica, cuja certeza inexorável enche-lhe a alma de remorsos e culpas, enfrenta um perene estado de ilusão, em que tudo lhe parece reduzir-se de estimulante quimera. Onde estaria a luz que lhe apontaram um dia? Thanatos atormenta-o como o eterno não ser, a porta para o nada. Habitado pela liquidez do presente, que aponta para o sem sentido, corre o risco de se tornar errante e perder-se. Onde encontrar, então, o horizonte em que brilhava a indubitável imagem da fé? Qual é, agora, a dimensão escatológica destes versos? Diante da realidade presente, o ser humano sente-se velho, não tendo provocado nenhuma transformação. Repete a vida dos antepassados. Essa conscientização agrava sua dor. Provocado pela necessidade de mudança, encontra

o inferno na face do outro que o interpela e provoca. Instaura-se no espírito e na sociedade a briga fratricida.

Numa circunstância inesperada, a visita da morte, torna-o mais frágil e cambaleante, sob o fardo das próprias misérias cotidianas. A morte nada lhe dá, nada lhe tira. Desnuda-o apenas. Os ideais terráqueos: plantar, ter filhos, deixar um livro para a posteridade. Tudo isso, absolutamente tudo, perde o sentido nessa transitoriedade inevitável, inadiável, cega, muda e pesadamente real. Diante do cadáver, a fugacidade. Tudo o mais é *Vanitas, vanitatis et omnia vanitas*, constata o sábio rei Salomão.

Por fim, o fim, o inevitável diante de uma história de diálogos com a própria história. Raphael propõe uma nova perspectiva de encarar a morte para o cristão. Enquanto a maioria dos filósofos da modernidade líquida encara a maturidade existencial como um modo de conviver estoicamente com a finitude inarredável e definitiva, nosso sacerdote aponta para a morte como um novo recomeçar na luz. Sempre uma senda a ser perseguida como eterna descoberta renovadora e fecunda, constantemente inacabada e instável. Assim, sem desconsiderar o desconforto, o sofrimento e a imensa dor que o cidadão da modernidade líquida enfrenta, o autor aponta para a luz que vai para além do passamento pelo limite da existência terrestre numa *parousia*, fundada na dimensão escatológica da existência

Oscar Luiz Brizolara

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS	1
CAPÍTULO 1.....	2
O CATIVEIRO DA INCERTEZA.....	
A estação incerta da vida	4
Inquietude	5
O beija-flor	6
A tempestade.....	7
O livro	8
Deixa fluir!.....	9
Um difícil começo	10
Solilóquios	11
Pensamentos disformes.....	12
CAPÍTULO 2.....	13
UM EXÍLIO QUESTIONADOR	
Ecos do desespero.....	15
Alçando alturas.....	16
Em busca de uma trilha.....	17
Uma estrada longa que parecia breve	18
O inverno da existência humana.....	19
Erupções de pensamentos desconcertantes.....	20
Súbito silêncio	21
Uma noite reflexiva.....	22
Êxtase	23
Insônia	24
CAPÍTULO 3.....	25
O RETRATO DOS DESAFETOS	
Apoderamento da solidão	27
Se as paredes falassem!.....	28
Desejos subterrâneos	29

Pensamentos taciturnos.....	30
Vamos celebrar Thanatos	31
Diógenes de Laércio	32
Miriade da sobrevivência	33
CAPÍTULO 4.....	34
BRIGA FRATRICIDA	
Relações fraturadas	36
Um disparo	37
Impotência	38
O irmão desleal	39
Beijo dissimulado.....	40
Litania da desesperança	41
CAPÍTULO 5.....	42
A VISITA DA MORTE	
Vida Rota	44
Árvore paradisíaca	45
Coincidência <i>oppositorum</i>	46
Reminiscências	47
Nem doçura ou dor, tudo era indiferença.....	48
A escolha por uma viagem fatídica	49
Uma odisséia	50
A viagem dantesca	51
O rugir da noite	52
Vertigem.....	54
Realidade fantasmagórica.....	55
O julgamento	56
CAPÍTULO 6.....	58
UMA HISTÓRIA DE DIÁLOGO COM A PRÓPRIA HISTÓRIA.....	
Resguardo sombrio	60
Cérbero.....	61
Ironia infernal.....	62

O retrato das amarguras	63
O início de um diálogo	64
Conduzido ao deserto	65
O encontro	66
O confronto consigo	67
Três homens e um jogo decisivo.....	68
A vida adulta revisitada.....	69
Apenas jornada	70
Um encontro restaurador	71
Um ponto de viragem	72
CADA FIM É O INÍCIO DE UM NOVO COMEÇO.....	73
BREVE CONSIDERAÇÕES.....	73
REFERÊNCIAS	74
SOBRE O AUTOR.....	76

PRIMEIRAS PALAVRAS

E depois do começo, o que vier vai começar a ser o fim.

Legião Urbana

Este entroncamento de muitos poemas, ora sincronizados ora não, é como um discurso desnudado e híbrido em meio à efemeridade da vida. Uma espécie de interstício entre os vários saberes afins. Evocativa, a referida obra traz palavras que tecem vozes, acontecimentos e situações que ganham visibilidade nas disputas fratricidas, nos ressentimentos e na falta de sentido, um impulso consciente entre o abismo dos sonhos e grandes ideais e do caos da realidade presente.

Parodiando pensadores, filósofos e músicos, o personagem solitário, meditativo e enigmático sente-se paralisado pela ansiedade e por uma espécie de enquadramento onde a identidade torna-o consciente de seus limites, suportando o curso da vida que empurra e desorienta, aproxima e divide, o conhecido e o desconhecido, o presente e o futuro, tornando-se um peregrino solitário de uma viagem repleta de acontecimentos, sabores e surpresas. O que exatamente levou a personagem a tal situação? O movimento de um beija-flor? O diálogo com um forasteiro enigmático?

A morte, como metáfora e arquétipo, nessa obra, vela e desvela, prefigura a complexidade simbólica a qual o livro se propõe. Este é o desafio do percurso, pois a mesma, pode ser uma estrada, uma codificação de sociabilidade fragmentada, ou ainda, início de uma nova aventura, uma espécie de ardor escatológico de visões apocalíptica e desespero. Somente quem embarca nesta viagem é capaz de experienciar o frescor da liberdade pela qual somos desafiados a percorrer. Sendo assim, o inferno é arena de desejos, com todas as suas implicações. Um lugar que pode ser maldição, presente, justificativa e oportunidade.

O autor

CAPÍTULO 1

O CATIVEIRO DA INCERTEZA



A dor é inevitável, o sofrimento opcional.

Renato Russo

A estação incerta da vida

Às vezes, treme-se de desespero.

Um amanhecer escuro e frio,

Era aproximadamente 1980.

O verão parecia lutar contra a própria vontade.

Folhas secas no chão....

A realidade vestia-se de silenciosa sobriedade.

A vida parecia uma página em branco a ser preenchida.

Ser no mundo e com o mundo, dizia o filósofo Martin Heidegger.

Tomou uma firme decisão.

Pular do trem, cômodo, da vida

Para fazer um caminho a pé,

Livre de toda e qualquer amarra.

Como grafite que marca uma página,

Grifou um itinerário,

Onde cada fim era o início de um novo recomeço.

Inquietude

Mente inquieta, cheia de sonhos e expectativas.
No desembarque desta estação,
Um bando de forasteiros.
Tudo o que era familiar mostrou-se estranho.
Mudanças que se perdem no crepúsculo da estrada.
Novos pontos de vista....
Apenas um olhar e uma voz,
Depois de um silêncio,
Dizia a “Coruja de Minerva”,
Que outrora voava ao entardecer da existência.
Um sentimento quixotesco.
Uma fraqueza licenciosa de pensamentos.
Reflexões que soam como nota de advertência.
Contornos simples que, gradualmente,
São substituídos pela monstruosidade dos aforismos diletantes.

O beija-flor

As coisas pareciam calmas e quietas,
Quando, de repente, ouviu-se um zumbido
Agitado pelo movimento frenético de um simples beija-flor,
Trazendo ecos que surgiam como possibilidades.
Imagens, letras e números fragmentavam-se
Em interpretações desconcertantes.
Megalomaniacamente, justificava sua postura
Apelando para sua vocação artística.
Recorria à memória,
Buscava lembrar os diferentes papéis,
Que pudessem ir além do seu próprio umbigo.
Por vezes, duvidava de seus pensamentos.
Acreditava que fossem deletérios e anacrônicos.

A tempestade

*O samba, a viola, a roseira
Que um dia a fogueira queimou
Foi tudo ilusão passageira
Que a brisa primeiro levou....
Chico Buarque*

Naquele momento, foi tomado por uma opressão entorpecida.

Uma tempestade impiedosa,

Um borrão,

Uma gota de tinta,

Um garrancho indecifrável,

Uma marca ou remoção.

Nostalgia de distinções hierárquicas.

Sua vida era uma completa miragem.

Não havia voz ou qualquer orientação

Que pudesse aplacar o medo da viagem.

Desanimado e desiludido

Foi levado para o cume de uma montanha inimaginável,

Uma espécie de barco que desliza em meio à fluidez incerta.

Imagens pitorescas e fictícias,

Reminiscência idílica e paixões frenéticas,

Tudo estava fora de controle.

Desfigurado, decidiu tecer os fios e os enlaces da trama,

Foi quando fixou seu olhar na tapeçaria

Das muitas transgressões da vida.

O livro

- Senta-te e escreve um livro que todos possam ler, dizia o beija-flor.

No frontispício de uma obra interminável,

Um homem curvado, dialogando com um ser enigmático.

Um eremita sombrio, com olhos tristes.

Acreditava não ser possível a existência

De um poema solitário e atemporal.

Acaso, seria um estranho tipo de livro?

Tudo o que acreditava fazer

Era expressar a relação entre funções e derivados.

Suas ideias eram tão duras quanto o tronco de um eucalipto.

Seus pensamentos ancoravam-se em ideias obsessivas

Que, constantemente, questionavam a solidez da racionalidade.

A justaposição de palavras tornava-o surdo

Frente aos múltiplos significados,

Soando como som estridente.

Tentava recorrer às poesias de Hölderlin.

Estudava seriamente a Estética de Platão e Aristóteles.

Almejava incorporar as virtudes necessárias

De um personagem divino-humano.

Uma batalha entre os seus desejos mais genuínos

E sua personalidade tirânica.

Contudo, preposições e longos períodos não era capaz de escrever tais emoções.

Aos quatro ventos, como um livro rasgado,

Quem haverá de recolher tais folhas?

Decidiu corajosamente desempenhar e assumir todas as consequências

Que tais circunstâncias implicariam.

Deixa fluir!

*Há sempre alguma névoa, um lado obscuro
Que atravessa o poema. Há sempre um saldo
De que formas laterais, um com escudo
Que não resiste muito a teu assalto.
Gilberto Mendonça Teles*

Sua boca estava muda por tantos verbos inconvenientes.

Ouçã! Quem presente, passado e futuro escreve.

Acaso, consideras-te alguma sibila grega? Perguntou o beija-flor.

Essas palavras o deixaram atônito e desconfortável.

Tentou remediar....

- Quem se desconecta do passado ou do futuro

Torna o presente estéril, respondeu.

Suposições tácitas moldavam tais crenças.

Laissez-faire!

A saber, a única resposta certa, talvez seja não ter respostas prontas,

Afirmou, de maneira enfática, o beija-flor.

Um difícil começo

O mundo já é uma enorme biblioteca.

Por que escrever se quase tudo já foi escrito ou dito?

Sentia o desconforto de falar do óbvio,

A saber, a incongruência entre pensamentos desconcertantes.

Foi preciso que a ousadia se adequasse aos excessos de restrições.

Seu apelo à imaginação era um grito irônico.

Seus pensamentos eram como andaimes enferrujados.

Um verdadeiro incidente e despropósito.

Compartilhava uma vulnerabilidade não ignorada.

Um texto não existe no vácuo, reiterava.

Antes, é expressão de uma fé,

De muitas opiniões e costumes

Que a história particulariza.

Solilóquios

*Quero ser poeta do obscuro do meu tempo,
Mas poeta do meu tempo ou do mau tempo.
Gilberto Mendonça Teles*

Lendo vorazmente e escrevinhando deserto do interior da subjetividade,
Tornou-se um pensador obstinado.
Fazia divagações em meio à loucura
Que corria veloz, como rio.
Devaneio de um profundo solilóquio...
Tecia comentários sobre Dante, Cervantes e Shakespeare.
Fazia tributos aos grandes gênios da literatura,
Que não só tinha paciência, mas também, imaginação.
Vasculhando seus pensamentos débeis,
Deu-se quanto de que suas fantasias eram bizarras e seus heróis fracassados.

Pensamentos disformes

Parcos ganhos de promessas vazias e sonhos desfeitos.
Sentia-se como éter perdido no universo do nada.
Um paraíso de misérias vacilantes,
Um deserto sem oásis,
Revisitando fantasmas que nunca estiveram sós.
Entranhas e tecidos ásperos,
Cada poema era um epitáfio.
Um começo sem fim.
Bordas que não impõem limite algum.
Perdas e conexões
Que fazem heróis vagarem
Num *continuum* dissenso.
Apátrida, de um tempo qualquer,
Formava barricadas para proteger-se
Dos rifles de um tempo obscuro.
Imaginava ser necessário matar os leitores textualmente...
A natureza torna-se fio escondido e descartado.
Representações e linguagem viciadas constituíam-se em abismo de escuridão.
Deslizes representavam a impossibilidade de correlacionar o espetáculo e o terror.
E assim, entre as sucessivas fraturas,
Deu-se início à obra que sustentava
Essa sensação de deslizar em meio a poesia.

CAPÍTULO 2

UM EXÍLIO QUESTIONADOR



(...) é impossível traçar com segurança a linha entre a dose benigna e a venenosa de um remédio para as nossas imperfeições

Zygmunt Bauman

Ecoss do desespero

Ondas que arremessam contra as pedras do infortúnio.
O mar agitado do futuro que tudo leva, varre e regressa.
Sereias sedutoras,
Contos de fada,
Um simples mortal desavisado.
Não sabia se nascera para a grandeza ou o para falência.
Na proa da vida, um relógio,
Um oceano de tristeza, medo e dor.
Com voz murmurante lamentava.
Sentia-se aprisionado na profundidade da nudez.
Dor, respiração e aderência,
Uma obstinação que parecia fora de sentido.
Ondas estrondosas que se precipitam contra o penhasco dos afetos.
A noite escurecia e os dias eram tão pesados,
Como rescaldos de vinho.
O tédio transformava os desejos, o corpo e a mente.
Palavras reverberavam de uma intensa e sombria revolta
Que emanam do profundo da alma.
O desejo decretou luto...
Tudo morre quando a criatividade cessa.
Ainda assim, esperava por algo diferente.

Alçando alturas

Ironias....

Um escopo do possível e do tolerável.

Campos de batalha ou instalação do caos.

Escuridão desamparada

Que fustiga com a mesma rapidez de um relâmpago.

Quem regou o céu com tantas lágrimas?

O dia sombrio?

Chuva na janela.

Ele sorriu... de alegria e desespero.

Coro que entoava as desgraças da vida.

Rir, naquele momento, era uma forma de deslocar a tensão reprimida.

Fazia barulho para que o universo o ouvisse.

Sentia-se um ator,

Uma personagem de um papel que não foi escrito por ele.

Divagações caóticas eram travadas.

Uma estranheza que acenava para algo

Perturbador da identidade e da ordem.

Escalava a montanha da existência.

Pés voadores,

Queria poder alçar as alturas como Pegasus,

Contudo, lembrou-se que Ícaro desfaleceu

Depois de criar uma realidade postiça.

Quando mais alto,

Mais rarefeito fica o ar, constatou.

Assim é a vida...

Alguns morrem,

Outros voam,

Outros definham

Por assumir o ônus de querer buscar as alturas.

Em busca de uma trilha

Tentava encontrar uma espécie de caminho,
Um rastro ou uma pegada.
Às vezes, era assustador,
Outras vezes, sagrado.
Sentia-se em todos os lugares e em nenhum lugar ao mesmo tempo,
Assobiava uma música no chuveiro.
Espalhava cinzas e faíscas,
Palavras e solicitude.
Precipitação de um novo nascimento.
Velejava sobre mares e ressacas.
Uma lição profunda,
Nem referência,
Nem negação
Ou qualquer crítica quixotesca.
Cortava o mar da imaginação,
Navegando sem parar,
Sem rumo, nem exílio
O destino abriu uma única porta de acesso: a esperança.

Uma estrada longa que parecia breve

Anseios imortais. Toda a criatividade humana surge da urgência do anseio

Shakespeare

A tonalidade das nuvens de dúvidas
Surgia repentinamente
Onde nunca se podia dizer o quão perto estava.
Congratulava-se com os ventos da desordem.
As noites barganhavam com o tédio
E os pássaros assobiavam seus segredos.
Vamos, então,
Com a coração aberto a qualquer destino,
Alcançando e perseguindo
As vitórias e fracassos de um tempo destemido.
Cavalgava por campos outrora inexplorados.
Tudo era exagero e ambição,
Sacrifício e coragem.
Na verdade, esse é o ônus de peregrinar por estradas abertas.

O inverno da existência humana

Os ventos arrasavam tudo que há pela frente,
Desnortando as frágeis tendas da vida.
Sua mente rejeitava as barreiras colocadas pela razão.
Deseja encontrar alguma luz...
Nada avistou,
Apenas vagalumes.
Esforçava-se para ir além do infinito.
Contemplava a transitoriedade da vida,
A tristeza e a palidez que sucede de uma batalha inútil.
O desejo de sentir as pulsações desiguais,
Mesmo que isso parecesse doloroso e perturbador.
A convicção de que o sofrimento é uma condição da existência humana.
Uma passagem que refletia diversos elementos
Que o atraíam particularmente.
Rastejava em busca de abrigo,
Quando ouviu o rugir da tempestade.
Como uma nuvem tingida de cinza,
A chuva sangrava nos céus.
O frio congelava o pico do penhasco solitário
Que estava à beira do caminho.
O inverno estava uivando com uma voz doentia de um leão faminto,
Embalando algumas ideias que pareciam
Um esquecimento temporário.
Um lugar para onde os ecos sempre retornam,
Mesmo que, às vezes, lentamente sem deixar resquícios.
Estranha sensação de distância e proximidade,
Despertando anseios e pertencimento.
Ninguém ousava acreditar que seria possível
Segurar, com as próprias mãos,
Uma explicação plausível, para esse interfluxo dinâmico,
que se chama vida.

Erupções de pensamentos desconcertantes

De repente, os olhos enfadados brilharam como diamante.
Um torpor que borrava o pensamento,
Brilhando como lágrimas que não se permitem transbordar.
Decidiu olhar cuidadosamente para o mundo desconhecido.
Sentiu-se confuso,
Uma miríade de direções opostas.
Um zumbi viajando no escuro,
Sem direção, foco ou contexto.
Quem poderia socorrê-lo nessa abençoada calamidade da vida?
Essa fome de conhecer
Revelava o desejo de uma afinidade oculta.
No peito, um coração alarmado e sequioso.
As memórias aguçadas escrevinhavam todas as coisas.
Inquieto, sentia-se como um vulcão que produzia abalos sísmicos.
Vagueava por lugares que não costumava visitar.
Assim, como marinheiro,
Decidiu traçar um curso,
Pois o infinito não é reconfortante.
Buscou o vento oportuno.
Descobriu que, nesta vida,
Somos sempre nuvens passageiras.

Súbito silêncio

Passava a noite observando cautelosamente o telhado,
Esperando o momento certo...
Um súbito silêncio repousava trazendo conforto.
Ventos que sussurravam um doce assobio.
As árvores, por conta própria, decidiram recitar pequenas histórias.
Nuvens, sem memória, como brilho cintilante.
Névoa de introspecção,
Silhuetas de uma jornada taciturna,
Plainando uma realidade que esperava por um amanhecer resplandecente.
Aves que se debruçavam para contemplar o brilho celestial.
Tudo era silencioso e os pensamentos abandonados.
Sonhos e devaneios, uma fábula da mente,
Enfim, um belo lugar para sonhar.

Uma noite reflexiva

Noite silenciosa...

Ondas profundas e assustadoras de uma ardente e selvagem chama

Que convoca o escondido para dançar.

Estradas cansadas.

Vidas empoeiradas.

Descontinuidade...

Identidades múltiplas...

Uma abstração inimaginável.

Breves pausas que conectam as inúmeras resistências da vida.

No meio da comoção do céu íngreme,

Buscava os sonhos dos velhos castelos medievais,

Das torres e das chaminés das casas campesinas.

Uma apologia a D. Quixote.

Provisória era sua visão de mundo.

Os pensamentos inquietantes transbordavam a mente,

Como cascata de um rio turbulento.

Um sentimento de inconstância.

Uma viagem cujo fim não almejava retroceder.

Como engenheiro e construtor de palavras,

Buscou mensurar os perigos que isso poderia ocasionar.

Avaliou....

Atraído por um forte impulso,

Aceitou o risco.

Quanto mais se desgarrava,

Mais livre se tornava.

Foi quando fez a descoberta mais radical,

O silêncio é tão nobre quanto triste.

Êxtase

A lua estava no cume de seu crepúsculo,

Estava lá.

Êxtase e interioridade eram coextensivos.

Desejou o silêncio, pois sabia que o ventre dos pensamentos era a melhor poetisa.

O imaginário de um poeta flui como sangue nas veias,

Uma realidade que não pode ser negada.

O eco suave perdurava na balada da noite.

Implorava, fascinava-se com o desejo

Que não se deixava seduzir.

Apreensivo, afastava-se.

Quem poderia enquadrar esse desenlace?

Como um vento impetuoso,

Cortejava o céu, como se fora um concerto musical.

Uma certeza que, ao mesmo tempo, o protegia e o envergonhava.

Insônia

Nada era mais solitário e desorientador do que a insônia.
Aquele ímpeto, aquele espasmo, uma sensação ridícula de desconforto.
Rejeitava tais sentimentos por considerá-los infantis.
Linguagem e sentimentos pareciam ilegítimos.
Um pálido feixe onde o pavimento da fama fora sepultado
Pela brutalidade dos acontecimentos.
Lutava com vozes interiores.
Esquizofrenia? Talvez!
Seus afetos eram como fornalha incandescente.
A vida revela-se continuamente como um bumerangue
Que traz memórias e repulsas.
Seu corpo era sugado pela escuridão.
Sentia que arrastava a corrente cansada da vida.
Um fim sem princípio,
Um começo de um tempo algum que,
Cria seus próprios medos,
Uma algema forjada por uma mente desfocada.

CAPÍTULO 3

O RETRATO DOS DESAFETOS



Vamos celebrar Eros e Thanatos, Perséfone e Hades
Vamos celebrar nossa tristeza. Vamos celebrar nossa vaidade....
Legião Urbana

Apoderamento da solidão

Dia após dia, era invadido pela escuridão.

A vida era pesada como elefante

Que se move derrubando tendas.

Lambia as feridas e aceitava derrotas.

Tudo era repleto de sofrimento, miséria e adversidade.

O medo estava inscrito como algemas ou qualquer outro instrumento de tortura.

Sob a cabeça, a fotografia da família e dos seus supostos adversários.

Uma linha tênue entre amor e ódio, fatalidade e ressentimento.

Os sentidos estavam turvos,

Pois o coração havia encolhido com o tempo.

A Bíblia diz: “Honra teu pai e tua mãe para que teus dias se prolonguem na terra”.

Talvez, tenha pulado essa parte.

Nada pensou....

Como um espelho, sentia remorso por sua mãe

Que se manteve presa em um casamento sem amor.

Se as paredes falassem!

Paredes opacas,
Que tantas vezes foram testemunhas da humilhação,
Da violência e dos pratos arremessados,
Da humilhação física e psicológica,
Da violência sexual em meio a embriaguez,
Da infidelidade, maus tratos e pornografia.
Rescaldos de um passado obscuro, mas real.
Um esquecimento que a tinta sepultava,
Que, de vez em quando, insistia em assombrar.
O amor e o casamento são incompatíveis, pensava.
Quando os caminhos da vida se dividem, a família também se separa.
Corte de relações significativas.
Colérico, sacou uma pistola do bolso.

Desejos subterrâneos

Possuía uma personalidade tirânica, suas paixões eram como lava de um vulcão,
Seu ódio era fatal e seu amor ilimitado.

Como infantaria de guerra,

Travava uma luta pitoresca consigo.

De súbito,

Descobriu que o destino sopra mais violentamente

Em corações despedaçados.

Uma autópsia de um homem atormentado.

Era profeta e dinamite,

Sempre pronto a explodir a qualquer momento.

Considerava-se poeta

E, por vezes, um legislador do mundo.

Assustado, pensativo, perturbado.

Considerava tudo aquilo

Uma maldição...

Um túmulo...

Pensava matar seus oponentes e, eventualmente, a si próprio.

Era tudo que a sua vã ignorância permitia.

Guardou a pistola.

Seus delírios deslizavam atomizando uma obsessão crua pela morte.

Dizia para si:

-Por que a vida o tirou de um abrigo quente e seguro para lançá-lo

Em um útero vazio de sentido?

Pensamentos taciturnos

A vida era tão melodramática
Como assistir estático tiquetaquear do relógio.
A mente muda, entorpecida pelo assobio
Um desespero que não dava trégua.
Digressivo e irônico
Buscava um oásis no rosto alheio.
Seria o “outro” um inferno?
Era vencido pela irrupção de um instante.
Um sobressalto de vida.
Um cárcere de questionamentos...
Por que? Qual a origem do mal? Que sentido tem a vida?
Parecia tolo e infantil colocar-se diante de tais perguntas.
Nada podia responder absolutamente.
Estancou a respiração.
Vislumbrou um abismo.
A ressaca de pensamento colidia
Contra a frágil estrutura psíquica.
Sua mente surrava brevidade...
Poupava sorrisos...
Falava com desdém...
Nutria pensamentos taciturnos...
Buscava autonomia,
Um messianismo que, na verdade,
O tornava excêntrico.
Um “ego” que se fundia com “superego”.
Fanático, febril, pedante e frenético,
Trilhava sendas que nunca eram homogêneas,
Mas, sim, divisíveis e catastróficas.
A vida era um erro malfadado
E uma figura paradoxal.
Então, escondeu-se na escuridão, em silêncio,
Uma descoberta sublime do seu egoísmo universal.

Vamos celebrar Thanatos

Que venham as vozes do porão
Ou a frivolidade de um litro de cachaça!
Um subterfúgio das dores da existência.
Sentia-se separado de Deus
Fora educado em sociedade puritana
Onde os princípios morais como observância religiosa do domingo
E o patriotismo eram inquestionáveis.
Experimentava um desejo de ser livre e soberano,
Escavando em meio a texturas frágeis e seus desejos vis.
Com imaginação prodigiosa,
Pensava sobre vários temas.
Lutava contra toda e qualquer tirania que se impusesse.
A vida deslizava rapidamente como ilusão.

Diógenes de Laércio

O que buscas?

Luz?

Por que insistes ainda em acender um lampião

No claro do dia Diógenes de Laércio?

Infelizmente só restou a escória de uma família ambiciosa e desleal.

A esperança dava lugar a um mundo de ciúmes, intriga e inveja.

Admoestações mudas.

Murmurava...

Buscava, desastrosamente, compreender o clima degenerado

De uma família tradicional.

Ficava lá, sem ultrapassar a linha intransponível.

Seu temperamento era realmente severo.

Contra seu coração,

Preferia as reivindicações habituais.

Ruborizava...

As disputas pelo testamento familiar caíam como guilhotina.

Um covil de mentiras e hipocrisias diplomadas.

Tudo era chancelado pela etiqueta da lei e dos bons costumes.

Uma panaceia expurgada.

Um lembrete doloroso de uma corrupção subterrânea.

Não pretendia ser invasivo.

Conhecia a astúcia de seus adversários.

Refletia seriamente, como possibilidade.

Acaso, seria o filho de Caim amaldiçoado por mais um assassino fratricida?

Miríade da sobrevivência

O trovão que se ouvia não vinha de fora
Mas de um coração despedaçado.
Sua vida era como uma torre em ruína.
Instintos involuntários.
Um rubor passageiro.
Tudo se misturava como um rio no oceano.
O quadro de um feiticeiro,
Posto à parede da sala de jantar,
Pôs-se a falar desgraças em tom baixo e profundo.
Em meio aos lábios deformados e
Um bigode desgrenhado,
Ouviu-se sussurrar o seu nome.
A cena trouxe à memória
A coreografia de Michael Jackson.
Pensava na sincronia dos passos
E na bela *performance* musical.
Do que servia tudo aqui, senão era capaz de dançar?
O *Thriller* da vida costuma ser mais desdenhoso e desengonçado
Do que as produções estadunidenses.
Recitava para si:
“Don’t worry. Everything’s gonna be alright”.¹

¹ Não se preocupe, tudo vai ficar bem.

CAPÍTULO 4

BRIGA FRATRICIDA



*Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo o que fizemos.
Ainda somos os mesmos e vivemos e nós somos os mesmos e vivemos
como nossos pais.*

Antônio Carlos Belchior

Relações fraturadas

Grunhia em meio aos esforços de ter uma boa relação com a família.
Palavras selvagens proferidas,
Relâmpagos em meio à tempestade.
Tudo parecia inútil.
Envergonhado, em silêncio,
Olhou para a estrada íngreme,
Percebeu o quanto seus pés
Amassaram as pequenas flores tecidas no caminho.
Cultivava um único arbusto que fora plantado no jardim do Éden,
A árvore do bem e do mal.
Inquisição rigorosa,
O tempo desnuda tudo.
Por isso, dizia seu velho amigo:
- "más sabe el diablo por viejo que por diablo".¹
Entre as margens do desprazer,
Sepultava, em vida, sentimentos tão nobres, como amor e esperança,
Na quietude das veias dilaceradas.
Loucura e comoção.
Dores agudas e êxtase compulsivo
A cada passo, seguia tal direção.

¹ O diabo sabe mais por velho do que por demônio.

Um disparo

À meia noite, o alarme disparou,
Escutou-se um barulho.
Os sentimentos gemeram, como correntes estridentes.
Sentiu calafrio.
Um gosto amargo subiu à garganta.
Embora fóbico, o medo foi colocado em suspeição.
Os maus pressentimentos chegaram.
Viu seu irmão caçula,
Ao qual atribuía poucas qualidades,
Deitado ao chão.
- Deixe-me morrer onde estou, dizia o jovem irmão.
Estava sofrendo, mas fazia uso de narcótico para amenizar a dor.
Sob a mesa, estava a testemunha de tudo o que ocorrera,
Uma espingarda.
O chão estava lavado por gemido, dor e sangue.
O jovem irmão alimentava medo, ódio e repulsa.
Bebia sangue diluído em arsênico.
Inalava pólvora como se fosse rosa perfumada.
Uma dose de psicopatia delirante.
Por um momento refletiu: - Não seria um surto tudo aquilo?
A escuridão daquela cena
Já era suficiente para gerar um afogamento.
Decidiu correr, antes que os corvos pudessem chegar
À procura de carniça.

Impotência

Isso é um insulto, dizia o jovem irmão.
Considerava aquilo um açoite.
Queria chamar a polícia, mas fora desaconselhado pela esposa desesperada.
Do outro lado da rua, ouviu-se o tilintar de um prato.
Curioso, de soslaio, espiou pelo buraco da cortina.
Era um morador de rua que revirava o lixo e
Batia uma panela enferrujada contra um pote de acrílico.
Queria pedir ajuda.
Notava que a vida se esvaía.
Revirava os escombros da vida...
Talvez, não à procura de comida, mas de uma resposta plausível.
Um *mix* de barbárie e insanidade.
Desejava ardentemente o beijo da morte.
Sentia-se impotente em meio às misérias do desespero.
Seus gritos eram mais potentes que microfone.
Carregava sobre os ombros um emblema odioso.
Na cabeça um boné e muitas recordações.
Enquanto isso, o jovem irmão mordida os lábios inferiores,
Com tamanha força que o sangue jorrava sobre a camisa.
Fascinava-se como enorme descoberta que a dor
Dilacerante podia provocar.
Apreciou a amargura,
Para aplacar qualquer sentimento interno.
O remorso vibrava como cigarra em dia de verão.
Os tormentos eram trancas de afetos,
Pensamentos que não tinham nome ou forma.
Garrafas quebradas e seringas sujas,
Em meio ao lixo que estava por toda parte,
Contemplava as coisas quebradas e os conceitos esquecidos.
Afinal, quem realmente era pobre?

O irmão desleal

O irmão mais jovem envolveu-se, eroticamente, com duas de suas cunhadas.

Era uma maneira sinistra, intrigante e sombria de dissimular

O ódio perpetrado na família.

Traição e mentira...

Desejos inconfessados.

Um cabo de guerra que tudo consumia.

Os demais irmãos o repudiavam...

Por isso, fizeram pouco caso de seu sofrimento.

Ao contrário, repetiam o provérbio:

- “Quem planta vento, colhe tempestade”.

Era uma maneira sofisticada de aplacar as rivalidades.

Os demais irmãos consideravam-se mais bonitos e inteligentes.

Contudo, o jovem carismático detinha a arte de enfeitiçar mulheres.

Há quem diga que ele fez fortuna administrando uma casa noturna.

Sofria de cleptomania.

Certamente, quando fosse para o inferno,

Tomaria um *drink*, com o diabo,

Dançaria a marcha nupcial ou fúnebre, quem sabe?

Unânicos e, de comum acordo,

Decidiram cortá-lo literalmente do convívio e, também, das fotografias familiares.

Beijo dissimulado

No hospital, próximo do seu leito de morte,
Todos se reuniram para discutir sobre a herança paterna que cabia ao mais jovem.
Antes de seu suspiro final,
O irmão do meio aproximou-se e deu-lhe um beijo.
Também isso não fez Judas no Getsêmani?
A rivalidade perpassava todos os recônditos dos relacionamentos.
A retórica seria inútil e o escrúpulo questionável.
Na melhor das hipóteses, seria cuspidos e sepultado.
Sofrimento horrível, dizia o morador de rua,
O mais miserável, sozinho em uma caixa fria,
Em meio aos fogos de artifícios verbais,
Entoavam cânticos de louvor:
“Nunc dimittis servum tuum, Domine”.²

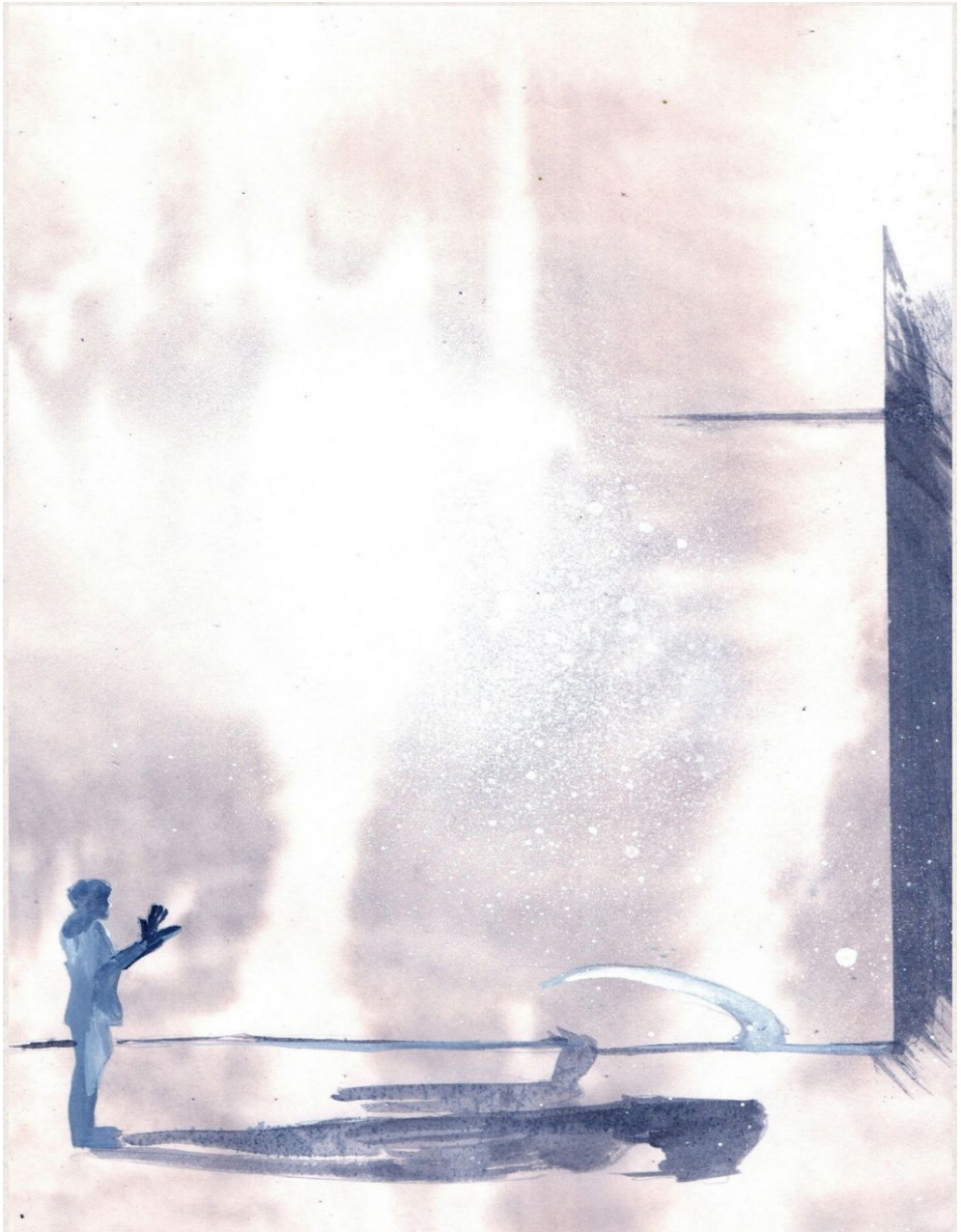
² Agora tu, Senhor, despede em paz teu Servo.

Litania da desesperança

Sozinho, permanecia nas bordas da vida.
Gostou da ideia de ser *border/ borderline*,
Apreciava a sonoridade do estrangeirismo,
Embora não entenda o significado de tal conceito.
Por vezes, peregrinava nas fronteiras da autossabotagem.
Esse, era o momento mais crítico e doloroso,
Quando os traumas do passado apoderavam-se de sua mente,
Produzindo pensamentos destrutivos.
Engolfado por um turbilhão de imagens,
Afogava-se em um mar de segredos.
Um lapso sinistro.
Uma sombra de dúvida.
Um sorriso dissimulado.
Uma tempestade no horizonte.
Tentava manter o controle.
Sua coluna era um vértice de interrogação.
Por que tanto sofrimento? Interrogava-se.
Apenas, não queria ter “a velha opinião formada sobre tudo”.
As lâmpadas da consciência colidiam
contra os postes e parâmetros sociais.
Humanos papagaios, dizia.
Diante de tamanha escuridão,
O breu decidiu se apoderar
Da fina chuva que caía intermitente.
Sentiu-se Charles Chapin dançando
Em meio as tempestades das mudanças.
Na curva de uma estrada anônima,
Buscava uma direção.
Apenas avistou um gato preto.
Supersticioso,
Percebeu que era hora de voltar para casa.

CAPÍTULO 5

A VISITA DA MORTE



Não é da morte que temos medo, mas de pensar nela.

Sêneca

Vida Rota

Uma capela mortuária,

Um moribundo,

Uma dor.

Um cadáver frio, rígido e indiferente.

Rosto pálido.

Um terno e um sapato.

Uma simples nota de falecimento nas redes sociais,

Uma crua e insolente luz de necrotério.

Uma retórica vazia,

Uma lápide,

Um túmulo pouco gentil.

A morte estava velada na ferrugem das relações.

Verdade, disputas, rivalidades e ressentimentos que

Se encontram e colidem nas parábolas da vida.

Invenções patéticas de uma sociedade superficial

Que se esquivava da morte.

Esforços humanos de perpetuarem-se na história.

Tempestade mental que aguça os questionamentos mais profundos.

“Plantar árvore, escrever um livro e ter um filho”.

Uma crença oblíqua que se conecta à vida e ao amor como imortalidade.

Árvore paradisíaca

O útero frio de uma tumba anônima traz
Um questionamento que se mistura com tantos outros,
Onde os vermes cortejavam o cadáver que chega.
Poeira, destroços e corpos em decomposição.
Buscava compreender a origem do mal e do bem,
O sentido da vida.
No curto espaço de uma existência frívola,
Muitos nascem estúpidos,
Outros permanecem.
Por um instante, tentou arrancar um galho de evidência da árvore do Paraíso.
Queria encontrar alguma razão para tal sofrimento
E refletir sobre tal fugacidade.
Uma confusão,
Um insulto que ultraja até mesmo os críticos mais sábios.
Um enredo desdenhoso
Que não se encontra nas formas tradicionais
E que pode ser, para alguém,
Indigno de nota.
Desistiu de perguntar: quem sou eu ou para onde vou?
Afinal, não se considerava portador de Alzheimer.

Coincidência *oppositorum*

Vida e morte.

Luta e rendição.

Êxtase e dor, hipérboles e hiatos.

Dissensos e pontos de intersecções.

Confluência de múltiplos contextos.

Coincidência *oppositorum!*

Tudo estava chancelado pela dialética medieval dos opostos.

Reminiscências

*Estamos sós, sem desculpas.
É o que posso expressar dizendo
que o homem está condenado a ser livre.*

Jean Paul Sartre

Ondas cansadas quebrando em vão,
Trazendo uma realidade desfigurada:
- Por que desnasceste agora?
A sabedoria é lenta e preguiçosa.
Olhos sem histórias: simplesmente um túmulo.
Uma fenda de terra fria.
Desdenhava da morte e do seu poder onisciente.
Deixava para lá seus sonhos vangloriosos.
Um *requiem* que renunciava um fim.
Deseja poder experimentar as situações,
Pouco nítidas, mas repletas de verdades.
Os cemitérios costumam ser mais frios
Que o amanhecer em um dia de inverno.
A raiva foi colocada, momentaneamente de lado,
Dando espaço a um silêncio acalentador.
Uma travessia crivada por hesitações e generosidade.
Consequências essas, de ter que aceitar sua condenação à liberdade.

Nem doçura ou dor, tudo era indiferença

Ao redor, todos esperavam ver o morto no caixão.

Alguns por tristeza, outros por remorso.

Uma das mulheres, pagas para chorar no velório,

Pôs-se a dizer laconicamente:

- Quem realmente está morto?

“Triste é o que morre dentro de si quando se está vivo”.

A morte constituía-se como artilharia de guerra,

Pondo luz nos bastidores das relações humanas.

De fato, o antropólogo René Girard estava certo

Em sua Teoria do Bode Expiatório.

Talvez fosse libertação para um cansaço infinito

De tristezas e agonias insuportáveis.

Desejos e rivalidades,

Uma progressão destrutiva do desejo mimético girardiano.

A vida dessa família era um festival de bestialidade.

- Quem será o primeiro a quebrar o gelo?

Pelo jeito, os irmãos irão descansar, para sempre,

Na geladeira de uma cova fria do desamor.

Os familiares mantiveram-se indiferentes.

Nisso a porta se escancarou.

O frio começou a rastejar impregnando o ambiente.

Fez-se uma pausa.

Todos permaneceram calados

Cuspindo introspecção.

Tentavam mascarar seus sentimentos mesquinhos.

Ao lado, um padre de batina preta,

Que em voz tranquila, recitava orações em latim.

Entre as litanias, um momento de realismo.

Repetia com insistência: *Miserere, Domine*.

Quem poderia protestar já estava morto.

E o som do silêncio pairou novamente.

A escolha por uma viagem fatídica

Foi cortejado por Perséfone¹ que perguntou
Qual caminho queria seguir.
Ligeiramente respondeu sem hesitar.
Desejava adrenalina ou algo excitante.
Por algum instante pensou
Que poderia encontrar o seu irmão mais jovem.
Um *flash* inesperado.
Sentiu um calafrio por ter tais ideias.
A escada do inferno desdobrou-se,
Levando-o a um lugar sombrio e profundo
Que só podia ser acessado por uma embarcação.
O fogo escorria pela chaminé
Exalando gás metano.
As chamas crepitavam por todos os lados,
Chamuscando os desavisados.
No arco uma advertência:
Levai consigo todas as pompas e vaidades humanas.
No hall de entrada, um banquete.
Avistou-se a falsidade e o engano à mesa,
Como se tivessem algo importante a compartilhar.
O ódio e a intolerância davam-se as mãos
Congratulando-se pelos seus efeitos e malefícios.
Nesta hora, a mulher revestiu-se de sua forma original.
Tinha os cabelos cobertos de fogo.
Como a Medusa, petrificava todos que a olhassem.
Era o início de uma saga fatídica.

1 Personagem da mitologia grega conhecida por ser a rainha do mundo infernal (Hades)

Uma odisseia

Vigília noturna,
À noite, sorrateiramente, foi pedindo passagem.
Um quarto,
Meia lua,
Meia vida,
Uma batalha.
Uma densa e sombria escuridão.
Fechou o livro e abandonou a jornada de seu amigo Dante.
Pretendia fazer as vezes de Virgílio,
Porém, fracassou diante de tamanha tarefa.
Injunção de fragmentos transitórios.
Fios soltos de uma tecelagem inacabada.
Cada linha era como um ocultamento.
Vivia uma profunda contradição:
O desejo de tudo compreender e uma realidade que lhe escapava, como mistério.
Tragédias e memórias eram campo de batalha.
Pretendia ser Ulisses, um exímio navegador
Capaz de desbravar as colunas de Hércules.
Desafiou os deuses e o desconhecido.
Enfrentou os desafios e as astúcias das contradições humanas.
Tornou-se um viajero de passos vacilantes.
Embebido de força e ousadia,
Almejou resgatar seus atos e escolhas infelizes.

A viagem dantesca

Um fogo poderoso é apenas a continuação de uma pequena faísca.

Dante Alighieri

A chuva insistia em atacar a vidraça.
Gotículas congeladas caíam sobre o coração embrutecido.
Os ventos travavam uma guerra hercúlia.
Os destroços estavam lá.
A frágil condição humana não conhece refúgio ou redenção.
É provável que Dante estivesse correto quando disse:
“Deixai aqui todas as vossas esperanças”.
A realidade era mais dramática do que um romance medieval.
Aqui, não há um guia, como Virgílio,
Nem tampouco, a certeza de um encontro com Beatriz.
Precisou assumir a radicalidade e o ônus de seu estado de banido do Éden.
Sentia-se sozinho em um mundo sem amor.
Uma história inacabada, tão completa quanto possível.
Agora não era um, mas dois peregrinos no inferno.

O rugir da noite

Nel mezzo del cammin di mostra vita, mi ritrovai per una selva oscura².

Dante Alighieri

À noite, como tempestade,
Moldava um ambiente sinistro e fantasmagórico.
Um forte e metálico trovão.
- Que barulho é esse?
Insistiu em perguntar:
- O que o vento está dizendo?
Em algum lugar a veneziana rangeu.
Ouvia os gritos e gemidos da calha d'água.
Sua garganta se contraiu.
Mascava um chiclete para ofuscar o medo.
O pavor se aglomerava na periferia dos olhos.
Mil comoções estavam compelindo seus pensamentos.
Era tomado por sucessivos sobressaltos.
Um tempo desmesurado que corria pelas veias.
A agonia convulsionava com o desespero.
Um zumbido agonizante e um grito estridente,
Foi quando o anjo da morte começou a balbuciar,
Algo que parecia estranho.
Pergunta sobre quem ele era.
Sobre o que tinha acontecido
E, por fim, como havia vivido.
Encheu-se de coragem e perguntou
Em meio a som estridente de suas cordas vocais.
- O que há além do inferno?
Respondeu o anjo:

² No meio caminhar de nossa vida, fui me encontrar com uma selva escura.

- *Si quaerent explicare velim, nescio.*³

Um sotaque áspero e estridente.

Uma atmosfera de tensão e medo.

Nada compreendeu de tais palavras enigmáticas.

Tudo o que possuía era uma certeza incerta.

Talvez, ninguém o tenha introduzido na sintaxe da vida.

Sentia-se preso, como nas águas gélidas do Lago Cócito do inferno dantesco.

Suas agonias estavam acumuladas naquele questionamento desconcertante.

Perguntava mais com os olhos do que com os lábios.

Colocava em suspeição sua capacidade de percorrer os 33 cantos da Divina Comédia.

Deu um sorriso pálido.

Os dentes tilintavam como instrumentos musicais desafinados.

A língua permanecia presa ao céu da boca

E, de lá, não pretendia sair.

Privado de mundo, desmaiou.

³ Se eu quiser explicar a quem me perguntar, eu não sei.

Vertigem

Uma noite tenebrosa.

As paredes, varridas pelo vento,

Foram arremessadas por toda parte.

Um estranho transeunte se aproxima.

Estava de costas para o futuro e os olhos fixos no passado.

Tinha os lábios ligeiramente entreabertos,

Como se desejasse dizer algo interessante.

Uma falha geológica se abriu até o centro da terra.

Arremessado aos pés da cama, por um impulso,

Sentiu seus músculos se contraírem mecanicamente.

Descerrava os dentes e vomitava palavras desconexas.

A mente afrouxava as tensões retidas no estômago.

Sentiu a fenda se abrir cada vez mais.

Lembrou-se da parábola do pobre Lázaro descrita no Evangelho.

Petrificado, murmurou...

Já não podia dizer que estava vivo.

Realidade fantasmagórica

Fazia elogio ao escárnio e à morte.
Cercado por um caos de desafios,
Cantava suas próprias falas silenciosas.
Um peso sem sentido sobre o qual tudo era insignificante.
Uma vestimenta que se troca por modismo.
Abriu os olhos e avistou um morcego.
Assustado, por tamanha quantidade de animais voadores
E pelo mau cheiro que exalavam,
Quis incinerá-los.
Pegou uma estaca encharcada em creolina
Que jazia embaixo de sua cama.
Foi quando o anjo da morte o tomou de surpresa,
Permitindo sua entrada por uma sombria e nebulosa,
Onde o fogo, a fumaça e o odor de enxofre eram detestáveis.
Decidiu perguntar:
- O que queres com tudo isso?
O coração batia como um tambor ensurdecedor e a
Mente como uma orquestra desafinada.
Buscava manter a lucidez até o último suspiro.
Conjugava sua dor à dor de parto de uma mulher.

O julgamento

Temam menos a morte e mais uma vida insuficiente

Bertolt Brecht

O silêncio foi interrompido pelo ranger do assoalho.
Abriu os olhos e viu o que imaginava ser uma asa de águia.
Tudo acompanhado por melodia sinfônica dos abrutes que grassavam.
Sua visão era obliterada pelas pálpebras que vibravam intermitentemente.
O vento empurrava suas costas,
Era hora de acertar as contas.
Chamas volantes, em meio a uma miríade apocalíptica.
Cria que fosse algum tipo de batismo ou maldição infernal.
Tudo era sinistro.
Mefistófeles⁴ fala de coisas controversas.
Até as corujas deprimidas faziam as árvores
Debulharem-se em lágrimas.
Pôs-se a pensar nas Gárgulas medievais.
A taciturna noite emitia um cinza doentio.
Ao longe, ouviu-se uma voz desdenhosa:
- COVARDE!
Tais palavras retumbavam de maneira estridente em seu tímpano.
Sentia inveja do Quasímodo.
A vida, definitivamente era implacável!
Lembrou-se da suntuosidade dos portais das catedrais góticas
Com seus tetos abobadados, alçando em direção ao céu.
Foi inundado pelas imagens religiosas afetivas
Que estavam nos porões de sua mente.
A imagem da Virgem Maria cravejada de estrela
Reluzindo de esplendor
E, no centro, o Cristo Pantocrator,

⁴ Nome dado a uma entidade diabólica no período medieval.

Senhor da história,

Com a trombeta do julgamento em suas mãos.

Não podia concordar com as regras que lhe estavam sendo impostas.

A morte era tangível, mas o que existe depois dela é nebuloso.

Decidiu fugir, mas para onde?

CAPÍTULO 6

UMA HISTÓRIA DE DIÁLOGO COM A PRÓPRIA HISTÓRIA



*É mais fácil suportar a morte sem pensar nela
do que suportar o pensamento da morte sem morrer.*

Blaise Pascal

Resguardo sombrio

O clarão do sol lançava uma luz opressora sobre seu rosto.
O crepúsculo não deixa de ser um assassinato do dia.
Folhas girando em círculo,
Rodopiando como miríade de sentimentos.
Árvores que se curvam
Arremessando as frutas podres dos galhos.
Plantava sementes
Mesmo sabendo-se estéreis.
O vento bradava.
Em meio aos rios sombrios,
Pouco ou quase nada poderia ser decifrado.
Apenas o barulho dos morcegos,
Amontoados em uma parede no fundo de uma caverna escura.
Sentado à beira do abismo,
Avistava um reservatório e um poço profundo.
No trono havia um anjo macabro que
O convidava para um banquete fúnebre
Junto a um sarcófago abandonado.

Cérbero

O anjo fixou os olhos novamente nos seus olhos.
Viu o sangue que transparecia em sua retina.
Sentiu um grande pavor.
Secava as lágrimas e o rosto.
Um grito desolador rasgava-lhe as entranhas.
Uma névoa espessa cobria todo o ambiente.
Um enorme e faminto mostro uivava, na porta insidiosa do inferno.
Cérbero estava lá,
Como cão de guarda, pronto para devorar sua presa
E garantir que de ninguém saísse do inferno.
Foi conduzido por um feiticeiro que disse:
- Cada um é como um cadáver em seu túmulo
Onde os vermes nunca morrem.
Entorpecido, ansiava por palavras
Que esvaíam-se como sumidouro na mente.
Seu desespero soava mais alto do que
Banda marcial nas pequenas cidades do interior.
Escrevia pequenos versículos de sua agonia.

Ironia infernal

Mesmo diante de uma situação tão sinistra e desconfortável,
Tinha uma menta sagaz e crítica.
Suas ironias eram cáusticas e desconcertantes.
Não entendia por que o inferno necessitava de um cão de guarda em sua porta.
Jocosamente, pôs-se a perguntar:
- Havia alguém que deseja-se assaltá-lo?
Cérbero ficou profundamente irritado com a petulância e tamanha indiscrição.
Bradou
Rugia mais forte que um leão....
Queria intimidar seu oponente.
Narrava histórias sem pé nem cabeça.
O pior, emaranhava fatos e coisas.
Cada cabeça uma sentença....
Mas, eram três.
Cabeças rolavam,
A sua e de seus desafetos.
A gaiola dos traumas e rancor foi escancarada.
Em cada curva um ponto cego a ser decifrado.
Tudo estava desnudo no teatro da vida.
O placo e os bastidores.
O lícito e ilícito.
As paixões desordenadas e as rivalidades.
Os holofotes da morte eram realmente potentes.
De repente, aproximou-se silenciosamente uma ninfa
Que o libertou de tamanha escravidão.
Respirou fundo por uns instantes.
Acreditou que tinha mais a ganhar do que a perder,
Já que ela era charmosa e deslumbrante.

O retrato das amarguras

O corpo se dobrava em desespero.
Juntou as mãos como se quisesse rezar.
Rapidamente, deu-se conta de que ninguém lhe havia ensinado.
Um sofrimento brutal que o arremessava
Contra as memórias cáusticas de um pai violento.
Sentia vergonha por considerá-lo um rival.
Pensava em Freud e na sua Teoria do Édipo.
Medo ou remorso?
Não sabia se algo poderia ser expulso ou confiscado.
Costurava os pontos abertos pelas feridas emocionais.
Súbito, surgia uma estranheza infanticida,
Pela qual o inferno estava povoado.
Inconsciente, buscava uma causa
para a qual pudesse atribuir todas as culpas.
Talvez, o bode o tenha se antecipado,
impedindo que expiássemos suas frustrações.
Tomava em consideração suas dúvidas,
Agora revelado radicalmente pelas verdades repugnantes
Trazidas por Virgílio.
Em vez de amor materno,
O que sentia era desprezo.
Um ódio que buscava regenerar.
Compreendia que a abrangência de tal desejo
Não poderia ofuscar sua razão.
Lembrou-se de uma das suas leituras despreocupadas
Onde leu a seguinte frase de Shakespeare:
“A raiva é um veneno que se bebe esperando que os outros morram”.

O início de um diálogo

Você não é produto das circunstâncias, você é produto das suas decisões.

Viktor Frankl

O inferno não era uma aquarela.

Pelo arco esculpido atrás do portão desconhecido,

Pôs-se a dialogar com uma criança.

A passagem do tempo revelou-se uma jornada ao mundo de sua infância.

Olhava para trás, naquele curto espaço de tempo,

Contemplou um rosto inocente.

Fotogênico não era.

Uma anatomia disforme que apontava para a vida como possibilidade.

Foi confrontado com o caos que ele próprio criou.

Uma passagem da inocência à estranheza,

Ao absurdo da falta de sentido.

Enfermidade, desavenças e ódio o acompanharam.

Um velho homem pôs-se a dizer:

“Não é o que a vida fez de ti, mas o que o tu decidiste fazer com que ela fez de ti”.

Vislumbrou gotículas de esperança e sombras de eternidade,

Naquelas sábias palavras.

Conduzido ao deserto

Entre o refrigério de um instante,
Era atormentado novamente por uma realidade inesperada.
Vivia a sina do Prometeu acorrentado
Que a cada manhã, tinha o seu fígado consumido.
Naquela mesma noite, foi guiado a um vasto deserto
Pedregoso que o fazia sentir-se novamente um verme.
Disse para si, ninguém retorna quando as luzes da vida se apagam.
A viagem ao inferno constituía-se como uma pedra de toque,
Mas também de tropeço.
Tudo era árido e as vozes eram secas.
As formas eram disformes e o mundo sem cor.
Uma serpente de fogo brotou de um rio caudaloso.
Diante de tal horror, sentia-se desnudo.
Sem Deus, sem pátria e sem religião.

O encontro

Continuou caminhando
Quando se deparou com um jovem.
Curvas familiares de lábios e olhos.
Memórias afetuosas de um tempo que não volta mais.
Sentia-se um estranho poeta que deixava seus versos entre as raízes das árvores.
Aproximou-se para dizer ao jovem:
- Não penso em você há muito tempo,
Mas, por algum motivo, penso agora.
Foi inundado por muitas recordações.
Chorou como há muito tempo não havia.
Recordou-se de que, há muito tempo,
Abandonara o propósito de escrever um livro.
Lembrou-se do beija-flor.
Compreendia-se como um sacerdote de uma imaginação tautológica
Ou um poeta, quem sabe?
Seus pensamentos eram oscilantes,
Um atributo da criatividade juvenil.
Não queria consentir mais que o peso do tempo
Tornasse a vela de sua vida um vento malfadado
Que se quebra contra as ondas,
Quando essa o arremessa contra as pedras.
A expulsão do Éden foi um impulso e ousadia do desobedecer.
Em face de tudo, o inferno foi convite
A silenciar a soberba.

O confronto consigo

Aquele que tem um porquê para viver pode enfrentar quase todos os comos.

Friedrich Nietzsche

Os amigos se foram e seus sonhos também.
Tudo era corroído pela ferrugem do tempo.
Passaram-se muitos anos neste curto período.
Considerava o tempo como algo
Pelo qual estava continuamente a escapar.
Seu tilintar confirmava uma prisão.
Memórias e sentimentos aprisionados.
Filmava tudo como prova de sua existência.
Uma terra árida que constantemente recorda,
Cada um dos seus próprios limites.
Erro diferente...
Fatos que comprometem.
Vidas desperdiçadas.
Uma existência cansada.
No inferno, a distância
É um véu escuro....
Um penhasco cheio de névoa.
Talvez um retrato....
Um incêndio infrutífero ou
A cadência de uma vida mecânica.
Guiado por Virgílio, abandonou
Uma vida mesquinha de convenções e leis sufocantes.
Era o despertar de uma nova consciência.
Decidiu que já não culparia os outros
Por segurarem um espelho que cegava.

Três homens e um jogo decisivo

Um inimigo tentava chamuscá-lo, outro almejava ateá-lo fogo.

Tinha um grande livro preto nas mãos.

Seu coração vacilava e suas veias rompiam.

Inesperadamente, chegou em uma sala poliédrica

Onde havia três homens com um baralho em mãos.

A cena despertou curiosidade...

Seria a visita dos três peregrinos a Abraão?

Nenhuma familiaridade com a Trindade de Rublev.

Essas eram as dicotomias de um anti-herói,

Um apátrida.

Foi convidado a jogar com um companheiro.

O semblante não lhe era estranho.

Tratava-se de reconhecer que era sua vida adulta,

Exposta naquela figura enigmática.

Deveria concentrar-se no jogo e não em si.

O silêncio foi quebrado pelo comentário de um dos adversários:

- Você pensa que estamos aqui porque estamos sozinhos?

Nisso, adicionou um lance.

Não está certo? Isso é um jogo?

Embaralhou novamente as cartas.

Com voz enfática reafirmou:

- A vida é um breve trânsito onde os sonhos

Se cruzam entre o nascimento e a morte.

Como dizia o poeta Fernando Pessoa:

- "A morte é a curva da estrada".

A vida adulta revisitada

Enquanto outros bebiam uísque,
As palavras moviam como cascata.
Novamente um lance....
Uma nova rodada...
Os três homens comentavam sobre o terror de existir sem propósito,
De sofrer de forma insignificante.
Como num repertório, tudo falava de cenas de sua vida.
Por trás de cada rosto,
Aprofundavam-se as grandes questões da vida.
Tantas coisas estavam acontecendo nessa viagem dantesca.
Estava confuso.
Nem bem havia se libertado do diálogo com o jovem,
Agora era confrontado com a vida adulta.

Apenas jornada

*Vou descobrir
O que me faz sentir
Eu, caçador de mim
Milton Nascimento*

Pela primeira vez,
Senti a necessidade de buscar a quietude sem o desejo e recompensas.
A atemporalidade da morte resultou como uma total
Despreocupação com as trivialidades da vida.
Senti o sol brilhar novamente,
Sanando as fístulas do desamparo e do desamor.
O desejo pela vida foi restaurado.
Embora não soubesse exatamente o que pensar,
Sentia um impulso de escrever novamente seu livro.
Virgílio Iho havia ensinado que a existência é uma realidade
indizível que não tem começo ou fim,
mas apenas jornada.

Um encontro restaurador

Nem luz, nem escuridão,
Apenas uma crescente consciência de que o mundo se move.
Sua caneta tornou-se tocha, lampião ou uma pequena centelha de luz
Para as gerações desesperançadas.
E quando esta se apagar,
Seus escritos não de brilhar
Mesmo depois de ter partido.
Mudo e reverente
Compreendeu o quanto a voz consciência é contemplação e mistério.
“Sobre aquilo que não se pode falar,
Deve-se calar”, dizia, o filósofo austríaco, Wittgenstein.

Um ponto de viragem

Fez-se silêncio por alguns minutos.
O coração foi inundado por uma ternura inaudível.
Conversava com seus pensamentos.
Calou apenas no final,
Porque no início seria preguiçoso.
O inferno tornou-se um ponto de viragem,
Onde o fim precede o começo.
Foi preciso morrer para aprender a viver.
Cada momento era a descoberta de
Uma chocante avaliação de que havia vivido.
Permitiu que seu coração flutuasse livremente.
Aprendeu a sofrer e a perdoar,
A encontrar um momento de vida na morte.
Foi quando o anjo deu as costas
Após ter cumprido sua missão.

CADA FIM É O INÍCIO DE UM NOVO COMEÇO

BREVE CONSIDERAÇÕES

Eu sou o início, o fim e o meio.

Raul Seixas

Cada fim é apenas um novo começo.
Um capítulo a ser reescrito no livro da vida,
Que nem sempre é impresso, mas nunca ocultado.
Todas as memórias adquiridas na dor
Tornam-se um enredo a ser desvendado.
Aqui, não há necessidade de palavras ou considerações finais.
A vida sempre traz uma janela aberta e um novo frescor.

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Belo Horizonte- Itatiaia: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.
- BELCHIOR, Antônio Carlos. *Como Nossos Pais*. Disponível em: <https://www.letras.com/elis-regina/45670/>. Acessado em 7/10/2021.
- BRECHT, Bertold. *Teatro dialético: ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- BUARQUE, Chico. *Roda Vida*. Disponível em: <https://www.letras.com/chico-buarque/45167/>. Acessado em 3/10/2021.
- CAMUS, Albert. *O Estrangeiro*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2016.
- _____. *The Myth of Sisyphus and other Essays*. New York: Vintage Books, 1991.
- CERVANTES, Miguel. *Don Quijote de la Mancha*. Alfaguara: Real Academia Española, 2004.
- ÉSQUILO. *Prometeu Acorrentado*. Araraquara- SP: UNESP, 1977.
- FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo novo*. São Paulo: Editora Globo, 1998.
- HERVIEU-LEGER, D. *O Peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LEGIÃO URBANA. *Depois do Começo*. Disponível em: <https://www.letras.com/legiao-urbana/46936/>. Acessado em 2/10/2021.
- _____. *Perfeição*. Disponível em: <https://www.letras.com/legiao-urbana/46967/>. Acessado em: 7/10/2021.
- MARTON, Scarlett. *A morte como instante de vida*. Curitiba: PUCPRESS, 2018.
- NASCIMENTO, Milton. *Caçador de mim*. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/cacador-de-mim.html>. Acessado 7/10/2021.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2017.
- _____. *Além do bem do e Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo, Editora Schwarcz, 2018.
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/Est; Petrópolis: Vozes, 2007.
- PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Col. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1994.

SHAKESPEARE, Willian. *A Tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Penguin Classic Companhia da Letras, 2015.

SARTRE, Jean- Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

SEIXAS, Raul. *Gita*. Disponível em: <https://www.lettras.com/raul-seixas/48312/>. Acessado em 7/10/2021.

TELES, Gilberto Mendonça. *Hora aberta: Poemas Reunidos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.


WITTGEINSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.


SOBRE O AUTOR


RAPHAEL COLVARA PINTO - nasceu na Cidade de Natal- RN. Mestre e Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), é Presbítero da Diocese do Rio Grande/RS. O autor tem experiência na área de Filosofia, Estudos Teológicos, acompanhamento pastoral às comunidades multiétnicas e coordenação de movimentos eclesiais. Atualmente, desenvolve um trabalho junto as comunidades de imigrantes na Paróquia Saint Charles Borromeo na Arquidiocese de Boston-USA. Credenciado pela International Seafarers' Welfare and Assistance Network (ISWAN) é autor do livro Mare Nostrum: desafios e contribuições à realidade marítima. Estudioso de Filosofia e Teologia, sua pesquisa versa sobre Teologia e pensamento contemporâneo, postura que propõe uma reflexão itinerante, alçando luzes nas fraturas, que as mudanças múltiplas e fluidas da sociedade líquida implicam.




O ANJO DA MORTE

www.atenaeditora.com.br 


contato@atenaeditora.com.br 


[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



O ANJO DA MORTE

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 